

Papel do “Novo Pai” em Relação aos seus Filhos: Realidade Científica ou Invenção Contemporânea?

*Eduardo Szaniecki**

A maioria dos estudos sobre pais começa afirmando que eles sempre foram omitidos e como agora são assunto de intensa pesquisa. Muito tem se falado sobre o papel do “novo pai” na sociedade contemporânea: que ele está mais próximo da sua família e principalmente competente e sensível aos seus filhos.

No meio científico esse recente interesse tem levado a grande controvérsia, e futuros estudos e clarificações são ainda necessários. Por outro lado, a mídia em geral tende a falar sobre um novo personagem e acaba criando a imagem do “pai moderno”. As duas áreas vêm tentando, entretanto, diferenciar o “novo pai” (altamente cuidadoso e envolvido) do “tradicional” (o ganha-pão, cabeça da casa, disciplinador)¹⁴.

Independente de rótulo é possível concluir que uma série de mudanças está efetivamente ocorrendo. Não apenas em relação ao papel do pai em relação ao bebê e à criança, mas também dentro da família e no trabalho. Com um crescente emprego de mães com crianças pequenas, pais estão assumindo papéis mais ativos no “cuidar das crianças”. No entanto, apesar de uma maior aproximação à família, esse papel é algo ainda muito mais para o futuro do que algo já acontecendo.

Eu vou tentar nesse artigo discutir o atual papel paterno sob o ponto de vista científico, mostrar sua presente posição e discutir sua direção futura em relação à família. Diferentes estudos têm olhado a definição de paternidade sob vários aspectos. No entanto, a grande maioria a considera como uma construção social e cultural, enquanto gravidez e maternidade são fatos biológicos¹². Historicamente falando, pais preparariam as crianças para a vida adulta, enquanto mães os alimentariam e cuidariam deles⁵.

Numa visão psicanalítica, é o pai que se “infiltra” entre a dupla mãe-bebê, apresentando assim à criança a realidade da relação entre o casal. O pai seria ainda o protetor e a autoridade moral e também a conexão da criança com o mundo externo, mas “sem envolvimento no cuidado direto e crescimento emocional de seus filhos”³. Essas visões, além de não discutir efetivamente o papel do pai dentro de sua família, o coloca numa posição um tanto fria, artificial e distante.

A revolução social dos anos 60 trouxe algumas mudanças cruciais. Um número considerável de mulheres/mães tem agora maior “conexão” com o “mundo externo” e conseqüentemente estão preenchendo boa parte da tradicional função que “pertencia” ao homem/pai. Por outro lado, a maioria

RESUMO

O autor relata a atenção que tem sido dada à idéia do “novo pai” na sociedade contemporânea (cuidadoso e envolvido), e discute a base científica que daria suporte para pensar sobre a mudança do papel paterno em relação aos seus filhos.

UNITERMOS

Pai. Criança. Cuidados.

* Pós-graduando da Tavistock Clinic, Londres. Departamento de Psiquiatria Infantil e Adolescentes.

dos homens é ainda o “ganha-pão”, e, para piorar a situação, vivendo com a adicional ameaça do desemprego⁵. Com essas mudanças todas, seu papel tem, de fato, sido foco de interesse nas últimas duas décadas.

Uma série de estudos sobre bebês, latentes e pré-escolares tem mostrado que na maioria das vezes pais são tão importantes e tão hábeis em cuidar dos seus filhos como as mães o são^{13,10}. Porém, a maioria dos pais passa relativamente pouco tempo diário interagindo com seus filhos e envolvidos em cuidados, *independente da classe social e situação econômica*¹³.

Assim, não me parece tão natural avançar na discussão do papel paterno sem antes olhar brevemente a relação marital. Diferentes análises mostram como isso é crucial para o sucesso do investimento todo e como influencia diretamente a relação pai-criança¹⁰. Há sugestões que a influência do pai sobre a criança é originalmente mediada pelas atitudes e comportamentos maternos. Em contrapartida, acredita-se que pais influenciam indiretamente as relações mãe-criança através de suporte emocional, prático e econômico¹. Em suma, o cuidado paterno pela mãe influencia e ajuda o crescimento de seus filhos^{3,10,14}.

Este cuidado aparece hoje em dia sob diferentes aspectos. Mesmo antes de tornar-se pais muitos homens tentam dividir a gravidez. Um número crescente de futuros pais participa de aulas preparatórias sobre o parto e cursos pré-natais¹⁴ sobre cuidados ao bebê e habilidades cognitivas da criança. Ser incluído em investigações e cuidado pré-natal faz a idéia de um eventual bebê mais real e parece servir de fonte para formação de um vínculo pré-parto¹².

Além disso, está em curso atualmente mudanças significativas na prática do parto. Muitos homens têm não apenas ativamente apoiado suas parceiras dentro da sala de parto, mas também têm mostrado um interesse crescente em interagir com o recém-nascido^{8,14,5}. De fato, estudos mostram que pais “preparados” tendem a envolver-se mais com seu(sua) filho(a)^{14,2}; sentem uma atração e apresentam sensibilidade mais forte em relação ao neonato, alimentam e falam mais, trocam fraldas mais freqüentemente e carregam mais o bebê^{12,14,2}. Além disso, pais que estão presentes ao nascimento de seus filhos parecem desenvolver um sentimento de preocupação e interesse pelo neonato¹⁵ e ficam mais envolvidos com cuidados nos primeiros meses^{12,14,15}.

Assim, um achado freqüente entre pesquisadores é o seguinte: o envolvimento paterno nos cuidados ao bebê está associado com a orientação psicológica do pai para com o feto e com as experiências do casal durante a gravidez¹⁴. A partir dessa idéia estudos têm observado o comportamento paterno durante o período perinatal no hospital: encantamento e contato direto com seus bebês foram notados¹⁰. Muitos pais procuravam tocar, balançar e olhar para o bebê tanto quanto as mães.

Outras pesquisas mostram a maneira afetiva pela qual muitos pais se comportam e a sensibilidade para atender aos chamados do bebê. Pais foram observados ajustando sua fala ao interagir com os bebês (falando mais devagar, repetindo)² ou quando os alimentando (simplesmente parando quando o bebê está “com problema”, como tossindo ou espirrando)¹⁰, enquanto algumas mães continuavam a alimentar o bebê e mesmo aumentaram o “ficar tocando” no bebê.

Algumas diferenças ficam ainda mais claras quando o bebê cresce. Pais tendem a ser mais brincalhões e se engajam de uma maneira mais física e agitada, enquanto mães são mais freqüentemente fontes de conforto e segurança e tendem a conversar com seu(sua) filho(a), são mais rítmicas e receptivas, tranquilizadoras e cuidadosas^{7,8,11,13,14}.

Transparece então que a função essencial da mãe é complementada por um papel paterno especial, que é o papel de “companheiro de brincadeira”^{11,14}. Vários estudos mostram que isso é verdade em relação a crianças de três semanas a 2 anos de idade.

Uma controvérsia muito maior começa então quando a criança passa a andar e mesmo futuramente. Pais mostram-se então menos disponíveis e passam menos tempo sozinhos com seus filhos que as mães. Eles tendem a tomar menos responsabilidades pelos cuidados da criança e necessidades escolares¹³. Muito remotamente comandam tarefas familiares como dirigir a criança para tomar banho e comer. A tendência é de tomar mais responsabilidade pela administração familiar¹³.

Isso não significa, porém, “não engajamento”. Contrariamente a algumas hipóteses, sensibilidade paterna tem sido bastante observada: muitos pais tendem a encorajar a independência da criança¹, e não raramente demonstram comportamento mais alegre e humorado que as mães¹³. No entanto, outros estudos mostram uma atitude paterna muito pouco consistente ao prover apoio e assistência aos seus filhos.

Infância (após os 2 anos) é conhecidamente uma época de crescente interesse e envolvimento na interação pai-criança¹. Apesar de relativamente pequenos níveis de participação (comparando com as mães)², há um consenso em que o envolvimento paterno com os cuidados ao bebê e à criança está positivamente relacionado ao desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo da criança^{11,1,9,6}. Conclui-se então que o aumento do envolvimento do pai com os cuidados ao bebê promove a ligação criança-pai⁸ e conseqüentemente ajuda a produzir crianças mais seguras, mais sociáveis e mais persistentes ao enfrentar situações desafiadoras^{14,8}. Se as necessidades da criança são atendidas num “timing” apropriado, essas interações paternas facilitam o desenvolvimento da exploração do meio

e patrocinam independência, na infância e mesmo futuramente^{3,1}.

Outro importante assunto que tem sido discutido é em relação ao tempo que normalmente os pais passam com seus filhos diariamente. Greif cita uma média de 1 hora por dia vinte anos atrás⁴. Atualmente, os homens da classe média americana passam por volta de 10 horas por semana com seus filhos¹. Entretanto, foi notado que apesar da evidente importância do envolvimento paterno na vida familiar, aspectos qualitativos como sensibilidade e atitudes com comportamentos estão mais fortemente associados com o desenvolvimento da criança do que medidas quantitativas (= tempo gasto *sozinho* com a criança e brincando com ela)^{1,3,6}. Muitos resultados mostram então que a maioria dos bebês deve receber suficiente qualidade da relação com seus pais, já que a maioria das crianças torna-se afetivamente ligada a eles^{7,1}.

Talvez uma das mais importantes mudanças que pesquisas recentes têm demonstrado em relação ao papel dos pais e à vontade deles de alterar sua imagem passada. Muitos homens hoje em dia esperam envolver-se mais com sua família do que a geração anterior. Afirmam isso porém desconhecendo que as mudanças reais não têm sido tantas como eles gostariam^{3,14,5}, apesar de uma mudança (no envolvimento) estar certamente acontecendo¹⁴. Homens parecem querer maior envolvimento emocional³ e são atualmente muito mais encorajados a falar sobre seu papel de pai⁶.

Porém, o “novo-pai”, definido como aquele que está intimamente e igualmente envolvido nos cuidados da criança, é muito mais raro que o interesse da mídia gostaria que fosse. Pesquisas têm mostrado que homens são altamente entusiastas ao dizer o quanto participam, mas na realidade eles passam muito menos tempo que as mães no cuidado diário^{6,14,15,12}. Pais preferem estar menos envolvidos em cuidados. Apesar de “modernismos”, essa diferenciação no papel de cada um ainda persiste, independente de ser medido em alimentação, trocar fraldas ou dar banho^{10,7,12}.

Porém, alguns estudos têm mostrado maior participação dos pais quando as mães trabalham fora de casa¹². Em alguns casos eles não apenas dividem o papel primário dos cuidados¹⁴ mas também são a figura primária. Um recente trabalho de orientação psicanalítica estudou esse tipo de pai e as crianças foram avaliadas como sendo “vigorosas, competentes e ... com um elevado apetite para estímulos e experiências novas”¹². Parece então que, genericamente falando, o homem contemporâneo está disposto a aproximar-se de sua família. Porém, ele precisa de grande encorajamento e suporte de suas parceiras para tomar uma atitude ativa no cuidado da criança⁵.

Debates sobre a mudança familiar têm ainda se focalizado quase inteiramente nas mães. Está claro, no

entanto, uma vez lendo sobre pais, que eles têm um imenso efeito na relação mãe-bebê e no desenvolvimento da criança. Assim, para investigar a complexa dinâmica familiar, faz sentido inicialmente considerar o papel do pai como parte mais integral desse sistema³.

Primeiramente, em relação ao papel paterno, as pesquisas tendem a focalizar muito mais nas mudanças práticas (o que eles estão fazendo ou deixando de fazer) do que o efeito que o papel deles têm na relação com o bebê e a criança.

Eu gostaria de enfatizar quão pouco estudo tem sido feito nesse tipo de efeito indireto: ou seja, a influência que o comportamento dos pais tem na relação mãe-criança, na relação pai-criança e obviamente no papel de pai mesmo. Talvez fosse melhor tentar entender processos mais “simples” antes de analisar estruturas mais complexas, como a família toda.

Fica claro, então, que pais não têm sido o sujeito primário de pesquisas. Uma melhor compreensão do papel deles através de uma perspectiva deles próprios e a influência disso na criança parece estar faltando. Questões como “o que você está *tentando* fazer quando está brincando disso ou aquilo?” e “qual o seu objetivo quando você faz isso ao invés daquilo?” não têm sido perguntado¹⁴. No entanto, estudar uma intervenção que focaliza simultaneamente a relação mãe-criança, pai-criança e marido-mulher, e conseqüentemente tratar a família como um sistema de relações interdependentes, deverá também provar-se efetiva para a compreensão da relação pai-criança e funcionamento familiar².

Porém, ao fazer esse tipo de estudo, o pesquisador deve levar em conta algumas dificuldades ao observar famílias em casa, como por exemplo o fato de que homens tendem a ser mais influenciados pela presença do observador do que mulheres o são. Além disso, é interessante lembrar que, embora um bom número de pesquisas tendem a obter resultados similares, muitas delas são limitadas a conclusões baseadas em auto-avaliação e apresentam limitações metodológicas¹³.

Rapidamente concluindo, fica claro que pais e mães normalmente apresentam experiências independentes (tanto quanto interrelacionadas), significativas e de diferentes tipos com seus filhos. Este fato definitivamente enfatiza a natureza complexa de relações dentro de uma família¹.

Apesar das dúvidas sobre o nível de mudança do homem em relação ao seu papel paterno, pelo menos alguns estudos têm sido realizados na última década¹⁴. Os resultados atuais sugerem que os pais têm sim uma contribuição enorme na socialização de seu(sua) filho(a), embora eles não tomem maiores responsabilidades nos cuidados e necessidades diárias da criança¹³.

Finalmente, embora esses assuntos estejam sendo discutidos, estamos longe ainda de iniciar um debate

mais profundo e abrangente. Assim, questões como igualdade nos cuidados à criança e compromisso paternal são ainda noções distantes.

ABSTRACT

Much attention has been given to the idea of the "new father" in contemporary society. The author discusses whether research support the idea of change in the father's role in relation to infants and young children.

KEY WORDS

Father. Child. Care.

Referências Bibliográficas

1. ANN EASTERBROOKS, M. & GOLDBERG, W.A. - Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, 55:740-752, 1984.
2. BOND, L.A. & JOFFE, J.M. - **Facilitating infant and early childhood development**. Hanover and London: University Press of New England, 1982.
3. CATH, S. - Fathering from infancy to old age: A selective overview of recent psychoanalytic contributions. *The Psychoanalytic Review*, 73(4):65-75, 1986.
4. GREIF, G.L. - **Single fathers**. Washington D.C.: Lexington Books, 1985.
5. KRAEMER, S. - Fathers. London. *Tavistock Clinic Paper* 93, 1988.
6. KRAEMER, S. - Fathers' roles: Research findings and policy implications. London. *Tavistock Clinic Paper* 142, 1993.
7. LAMB, M.E. - **The role of the father in child development**. 2nd ed. New York: Wiley, 1981.
8. LAMB, M.E. - Paternal influences on early socio-emotional development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 23(2):185-190, 1982.
9. MAIN, M. & WESTON, D.R. - The quality of the toddler's relationship to mother and to father: Related to conflict behaviour and the readiness to establish new relationships. *Child Development*, 52:932-940, 1981.
10. PARKE, R.D. - The father's role in infancy: A re-evaluation. *Birth and Family Journal*, 5(4):211-213, 1978.
11. PARKE, R.D. - **Fathering**. London: Fontana Paperbacks, 1981.
12. RAPHAEL-LEFF, J. - **Psychological processes of childbearing**. London: Chapman & Hall, 1992.
13. RUSSELL, G. & RUSSELL, A. - Mother-child and father-child relationships in middle childhood. *Child Development*, 58:1573-1585, 1987.
14. RUSSELL, G. & RADOJEVIC, M. - The changing role of fathers? Current understandings and future directions for research and practice. *Infant Mental Health Journal*, 13(4):296-311, 1992.
15. VALLENDER, I. - The father's role in the family. *National Children's Bureau, Highlight*, 78, London, 1988.

Endereço para correspondência:

Dr. Eduardo Szaniecki
38 Tetherdown
London N10 1NG
United Kingdom